



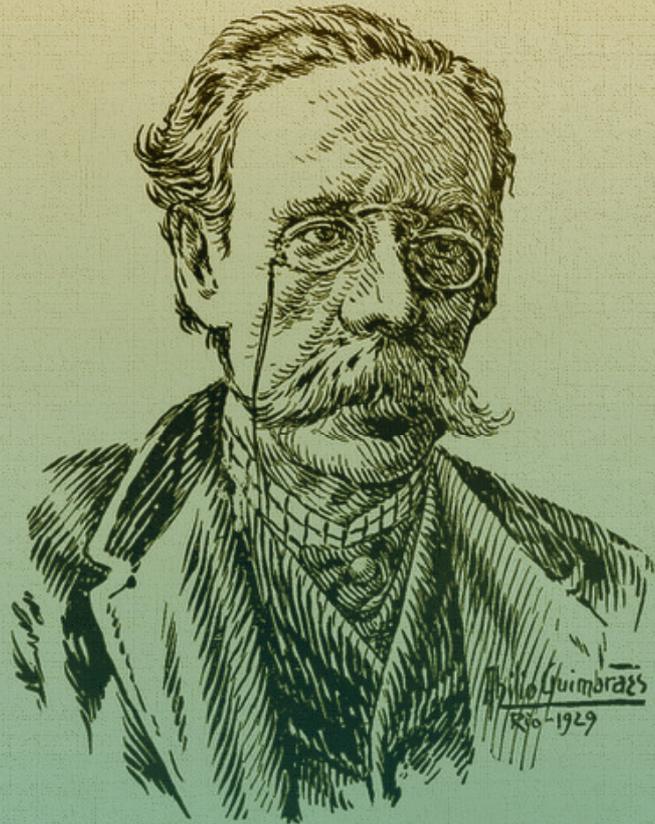
Projeto Livro Livre

Iba Mendes

"Quem me dera, agora, que as minhas palavras se escrevessem!
Quem me dera que se gravassem num livro!"

16 19:23

Literatura



Camilo Castelo Branco

A morgadinha de Val-d'Amores



Iba Mendes Editor Digital

www.poeteiro.com

A morgadinha de Val-d'Amores

Camilo Castelo Branco

Atualização ortográfica e projeto gráfico

Iba Mendes

Publicado originalmente em 1871.

Livro Digital nº 811 - 1ª Edição - São Paulo, 2017.

Teatro - Literatura Brasileira.

Camilo Ferreira Botelho Castelo Branco

(1825—1890)



Iba Mendes Editor Digital

www.poeteiro.com

PROJETO LIVRO LIVRE



*Oh! Bendito o que semeia
Livros... livros à mão cheia...
E manda o povo pensar!
O livro caindo n'alma
É germe — que faz a palma,
É chuva — que faz o mar.*

Castro Alves

O **Projeto Livro Livre** é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, livre e gratuito, de obras literárias já em Domínio Público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital. Sendo assim, não objetivamos fins comerciais ou promoção política. Tal qual o saudoso Nelson Jahr Garcia, pioneiro na divulgação do Livro Digital no idioma português, sempre estudei por conta do Estado, ou melhor, da Sociedade que paga impostos. Por isso, sinto-me também na obrigação de "*retribuir ao menos uma gota do que ela me proporcionou*". Daí o nosso esforço que se resume na simplicidade e na solidariedade.

Segundo normas e recomendações internacionais estabelecidas pela maioria dos países, incluindo Brasil e Portugal, uma obra literária entra em Domínio Público 70 anos após a morte do seu criador intelectual.

O nosso Projeto, que tem por objetivo colaborar na divulgação da Literatura em Língua Portuguesa, em suas variadas modalidades, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por imprecisa razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza de nos informar no e-mail: iba@ibamendes.com, a fim de que seja imediatamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso dos bens culturais. Assim esperamos!

O Livro Digital é – certamente – uma das maiores revoluções no âmbito editorial em todos os tempos. Hoje qualquer pessoa pode editar sua própria obra e disponibilizá-la livremente na Internet, sem aquela imperiosa necessidade das editoras comerciais. Graças às novas tecnologias, o livro impresso em papel pode ser digitalizado e compartilhado nos mais variados formatos digitais, tais como: PDF, TXT, RTF, EPUB, entre muitos outros. Contudo, trata-se de um processo lento e exaustivo, principalmente na esfera da realização pessoal, implicando ainda em falhas decorrentes da própria atividade de digitalização. Por exemplo, erros e distorções na parte ortográfica da obra, o que pode tornar ininteligíveis palavras e até frases inteiras. Embora todos os livros do **Projeto Livro Livre** sejam criteriosamente revisados, ainda assim é possível que algumas dessas falhas passem despercebidas. Desta forma, se o distinto leitor puder contribuir para o esclarecimento de eventuais incorreções, pedimos gentilmente que entre em contato conosco, a fim de efetuarmos as devidas correções.

Ressaltamos, por fim, que o **Projeto Livro Livre** não se limita a simples publicação de textos já disponíveis na Internet, sem quaisquer critérios. Em vez disso, pautamos nosso trabalho no esmero gráfico e ortográfico, na digitalização e atualização de novas obras, na publicação de autores do nosso tempo, na conversão de livros em áudio etc. Buscamos assim popularizar o Livro Digital, tornando-o acessível a qualquer pessoa e sem nenhum custo.

É isso!

Iba Mendes

A MORGADINHA DE VAL-D'AMORES

COMÉDIA EM TRÊS ATOS



FIGURAS:

D. JOANA COGOMINHO DE ENCERRABODES (morgada de Val-d'Amores, filha de Pantaleão)

PANTALEÃO COGOMINHO DE ENCERRABODES

FREDERICO ARTUR DA COSTA (Escrivão da Fazenda de Santo Tirso)

COSME JORDÃO (Deputado por Guimarães)

MACÁRIO MENDES (boticário de Santo Tirso)

JOÃO LOPES (lacaio e confidente da Morgada)

Figuras do auto dos três reis magos

Criados, cantadeiras, camponeses, músicos e outros personagens

Atualidade.

ATO I

Ao fundo, portão de quinta com sua enorme pedra de armas e ameias laterais. O restante do palco figura uma alameda e estrada.

CENA I

Frederico (só).

(Frederico é um homem entre 28 e 33 anos que traja quinzena e calças pretas apertadíssimas em corpo de extrema magreza e aprumo. O chapéu é de forma inglesa e alto para tornar mais aguçada a figura. A cabeleira byroniana em crespas ondulações. Bigodes encerados e picantes nas guias retesadas. A luneta de um vidro sem aro obriga-o a caretear, abrindo a boca de esguelha quando fixa mais atentamente a morgada. Os seus movimentos, quando lhe for necessário fugir, hão de ter tal velocidade que simulem o rápido perpassar de um duende. A agilidade da rotação do pescoço deve dar-lhe o que quer que seja de automático e fantasmagórico)

FREDERICO

A razão diz-me que eu estou em perigo de ser moído por estes selvagens do Minho; mas o coração, este intestino onde o amor e a coragem habitam, diz-me que não vacile. A razão argumenta-me que eu, escrivão de fazenda no concelho de Santo Tirso, não devo arrojá-las as minhas desenfreadas ambições até à mão da Morgadinha de Val-d'Amores; mas o coração, esta república íntima que me esbraveja no peito, impele-me para ela, mandando-me ler naquele brasão (*apontando*) o epitáfio da fidalguia de raça, e o monumento levantado não às tradições ineptas, mas à restauração da dignidade humana. Além disto, eu, homem de aspirações gigantes, eu, poeta de audaciosos raptos da alma, eu, que junto à poesia elevada a poesia profunda, preciso de me arranjar. Sou escrivão de fazenda; mas esta posição não quadra aos meus instintos. Às vezes como que sinto escaldarem-se-me as artérias com sangue de príncipe, e me quer parecer que algum de meus avós foi mais ou menos iludido por alguma das minhas avós. Reconheço, como filho deste século, que a democracia matou a nobreza mascarando-se ela de fidalga; assim é; porém, ao mesmo tempo, não sei que filtros me circulam no íntimo peito, quando vejo esta morgada e lhe entrevejo na frente o sangue azul das veias. Sobre tudo, o que mais me incita a querer-lhe com a adoração dos Paulos e dos Romeus é a precisão que tenho de me arranjar.

Eu já manobrei por mares tempestuosos. Um dia consultei a minha vocação; e, como me sentisse um dos muitos desventurados que caem neste mundo sem vocação, fiz-me literato. Os literatos fazem-se a si próprios, por serem cousa que a Bíblia não diz que o criador fizesse nos sete dias de criação. Um sujeito olha para si como Deus para as trevas, e diz "*fiat lux*" faça-se o literato; "*et lux facta est*", e o literato fez-se. Eu prometo não dizer mais nada em latim, por que também não sei mais do que isto.

Feito literato, escrevi como toda a gente que quer escrever. Preparava-me para coordenar uma História Universal em 25 volumes com 26 de suplemento, quando se me ofereceu um lugar de

noticiarista num diário de Lisboa. A minha reputação estava quase estabelecida, quando a empresa me despediu por sensaborão, como se fosse obrigatório ser engraçado no país mais desgraçado do mundo. Voltei o meu espírito para a história universal, e cheguei até a procurar num Almanaque onde era a Torre do Tombo com tenção de lá ir consultar os pergaminhos. Neste propósito estava eu, sentindo já os calores da glória, quando me encarregaram de traduzir uma comédia francesa para o Ginásio. Pus de parte a História Universal, e traduzi a comédia com um esmero indigno do resultado, porque ela foi pateada visto que tinha, segundo disseram os críticos, uns galicismos que lhe corrompiam a virgindade elegante do texto. Ora eu então fiz-me crítico, animado pela grande cópia de sandices que se escreveram contra a minha tradução. Neste modo de vida achei vantagens extraordinárias, sendo a primeira a dispensa de saber alguma coisa. Um crítico, no jardim das letras, representa uma toupeira em jardim de flores; é temível porque remexe e estraga tudo; levanta empolas de terra, e suja quando não devasta a mimosa vegetação. Eu fiz destroços grandes e escalavrei muitas reputações literárias, já por amor da arte, já por amor do estômago, esta coisa onde um homem de gênio não pode criar a luz, porque isto aqui (*indicando o estômago*) é um abismo que só recebe a luz pela boca. Mas afinal, as obras literárias que apareciam eram já de natureza que o arpéu da crítica não lhes ferrava a unha. Entreguei-me ao gênero chamado *reclame*, e comecei a chamar a atenção do país para toda a coisa impressa, poema ou tragédia, romance ou farsa. Este ofício, posto que o mais aviltante da vida de um escritor, é o mais lucrativo no mundo patarata, em que eu me atasquei. A consciência pesava-me pouco, se o estômago saía pesado de casa do empresário do teatro ou do editor do romance. Afoguei muitos escrúpulos em sopa de camarão. Mas o sangue de príncipe, este não sei quê que me faz cócegas nos miolos, mostrou-me a indignidade da minha missão na terra, e desde logo atirei um voo atrevido às regiões aquilinas da política. Estudei três dias as questões de fazenda em Portugal, e entendi-as tão claramente como se fossem questões da minha fazenda. Percebi que o país estava como eu tal e qual: foi-me fácil escrever uma série de artigos nos quais provava que a maneira de matar o *déficit* era... sim eu provava

que a maneira de matar o *déficit*, esse cancro roedor das entranhas do meu país, era... sim eu provava... Não me lembra agora o que provei... o certo é que me despacharam escrivão de fazenda de Santo Tirso, provavelmente para matar o *déficit*. Eis que chego, e vejo a Morgadinha... (*Ouvem-se os tamborileiros*) Não convém que estes bárbaros me vejam parado em frente do portão da mulher amada... (*Sai*)

CENA II

Pantaleão, dois criados, e os tamborileiros.

(Entram ao terreiro e param tocando em frente da porta três tamborileiros, um de bombo, e os outros com caixas de rufo. Pouco depois abre-se a porta, e sai Pantaleão, com dois criados de lavoura, um dos quais distribui canecas de vinho, que despeja de um pichel vermelho, pelos tamborileiros, que se descobrem)

PRIMEIRO TAMBORILEIRO (*o do Zabumba*)

Biba o inelentíssimo morgado a mai'la Sra. Morgadinha!

OS TRÊS

Biba por muitos anos, biba!

PANTALEÃO

Olé! rapazes! Com que vocês já se vão chegando ao arraial?...

PRIMEIRO TAMBORILEIRO

Ó promeiro, vamos tocar os mordomos do Sr. San Joon, que tem festa d'arromba este ano; e os despois la bamos pr'ó arraial com Deus.

(Ouve-se ao longe a toada das cantadeiras que cantam o São João)

PANTALEÃO

Bebam; mas não se encarraspanem como no ano passado.

SEGUNDO TAMBORILEIRO (*rindo alvarmente*)

É berdade, fedalgo! Aquilo é que foi perua! Indas m'alembra!

PANTALEÃO

Pois vê lá se arranjas outra que te faça esquecer a do ano passado.

TERCEIRO TAMBORILEIRO (*bebendo*)

Enton la bai à saúde de Vossenhoria, a mais da Sra. Morgadinha.

PRIMEIRO e SEGUNDO TAMBORILEIRO

A mesma.

PANTALEÃO

Querem mais? bebam.

PRIMEIRO TAMBORILEIRO

Non faz minga.

PANTALEÃO

Então, rapazes, adeus. Lá nos veremos na romaria.

OS TRÊS TAMBORILEIROS

Biba o fedalgo, e mai la obrigaçon.

(*Saem rufando estrondosamente: cessa o estrondo pouco depois*)

CENA III

Pantaleão e os dois criados (que pousam as vasilhas).

PANTALEÃO

Ora venham cá vocês, tomem tino no que eu vou dizer, e abram-me esses olhos. Vocês tem obrigação de zelar a honra desta casa, por que nasceram nela, cá se criaram, e cá hão de morrer, se me servirem bem. Aquilo que souberem a respeito do que vou perguntar hão de dizer-mo. Aqui quem governa sou eu, percebem? Vocês tem visto

de noite alguma vez por debaixo das janelas desta casa o escrivão de fazenda? um homem muito magro que cá vinha dantes?

PRIMEIRO CRIADO

Bem sei quem é o escribon das fazendas de Santo Tirso... Olhe, fedalgo, eu jurar non juro que era ele; mas aqui atrás há três noites, vinha eu de regar a cortinha das Chans, e ao sair da carvalheira, rebentando sobre a direita, vi uma coisa a escoar-se por entre os carvalhos que parecia um abentesma...

SEGUNDO CRIADO

Eu também já bi esse abentesma, salbo seja, aí os pois da mêm noite; mas aquilo, meu amo, non podia ser o escribon das fazendas por que Vossenhoria faça de conta que ele por este caminho além lebaba-se assim teso e hirtego que não bolia c'os pezes. Havéra de ser o mesmo que tu enxergaste, Antonho!

PANTALEÃO

Pois creiam vocês que não era outro senão o escrivão de fazenda. Nestes arredores não há homem daquele feitio senão ele... Sabem o que eu quero, rapazes? é que lhe deem uma boa sova de estadulho.

PRIMEIRO CRIADO

Só se for a tiro; que non há home que o pilhe na carreira.

SEGUNDO CRIADO

E p'ra lh'acertar c'uma bala faz minga saber atirar às lebres.

(Ouvem-se risadas de mulheres já perto)

PANTALEÃO

Por ora, nada de tiros; o que mando é que lhe arrumem quatro bordoadas, sem lhe dizer isto nem aquilo. Vocês zupem-lhe e escamem-se, que eu com a justiça não quero testilhas; mas não lhe batam, sem o apanharem cá à volta da casa... Vamos conversar aqui p'ra carvalheira que vem aí as raparigas da freguesia.

(Saem pela esquerda)

CENA IV

Rancho de raparigas vestidas de saias de chita com muita roda de saias e saíotes, capotilhas encarnadas, chinela e meia branca, acompanhadas de um tocador de rebeca e outro de violão, que lhes acompanham as cantigas. Entram pulando alegremente, e puxam por a estrídula sineta do portão.

O RABEQUISTA

Biba a Sra. Morgadinha de Val-d'Amores!

TODOS

Biba! Biba! *(Cantam o São João)*

COPLAS

Son Joon adromeceu
Nas escadas do colejo;
Deron nas frêras co'ele,
Son Joon ten porbolejo.
Que é aquilo, que é aquilo, que é aquilo?
Son Joon a caçar um grilo.

Ó meu son Joon da Ponte,
Ó meu belo patusquinho,
Dá-nos ano de bon pon,
Dá-nos ano de bom binho.
Non é nada, non é nada, non é nada,
Son Joon a comer pescada.

(Abre-se o portão de par em par. Sai a Morgadinha, trajada com luxo, mas fora da moda. Vestido de ancas exageradas, cabelo à Stuart, e um grosso grilhão ao peito. Segue-a um criado velho, de niza, com uma cadeira de braços à cabeça, e uma pichorra e caneca na mão)

CENA V

Morgadinha, João Lopes, e as cantadeiras.

VOZES

Biba a Sra. Morgadinha! Biba! Biba!

MORGADINHA (*sentando-se na cadeira*)

Adeus, raparigas. Como estás tu, Maria do Quinchoso! e tu Benta do Casal? Olha a Mariana da Igreja como está gorda com o casamento! Ó João Lopes, dá vinho a essa raparigada toda.

UMA DAS MOÇAS

Vossenhoria bai ao arraial?

MORGADINHA

Pudera não! Já estou preparada, e vou assim que a tarde refrescar, que quero ver o fogo preso.

OUTRA

E mai lo auto do Natal, que vem la os d'Arnôzo co'ele.

OUTRA

E como a fidalga está pimponaça! Parece mêmo a Madanela da porcisson de Passos!

OUTRA

Benza a Deus, que palminho de cara assim, não se topa outra no mundo. Faz agora um ano que os cassacas do Porto andabon todos enbeçados atrás da Sra. Morgadinha no arraial; e enton aquele governo que está em Santo Tirso esse é que andava memo azoratado!

MORGADINHA (*rindo*)

Qual governo?!

A MESMA

Aquele que lhe chamon o das fazendas, ou non sei que deanho...

MORGADINHA

Ah!... (*Suspirando*) Já sei... O do violão. Má rais o parton, que me mandou citar indas ontem!

O RABEQUISTA

Eu onde le poder ser bon hei de medirle o costado de pá a pá cum fueiro...

MORGADINHA

Ora não sejas bruto, José da Eira! Ele faz a sua obrigação; faz tu a tua que é pagar o que deves ao rei.

O MESMO

Ao rei! Bem me fio eu nisso... Enton a fidalga pensa que o rei aveza uma de X do dinheiro que nós demos!! Pois non avezastes! Os governos de Santo Tirso repartem uns c'os outros no fim do ano o dinheiro que don os lavradores.

O OUTRO

É como diz.

MORGADINHA

Sois uns selvagens. Deixemo-nos de tolices. Cantem lá alguma coisa vocês.

UMA DAS MOÇAS

Quer a *Marianinha*, fedalga?

MORGADINHA

Pois sim; cantem lá a *Marianinha*.

(*Coplas. – Tudo mulheres*)

UMA VOZ

Já fui canário do rei,
Já lhe fugi da gaiola.

CORO

Sim, sim, eu vou lá
Ó Marianinha,
Sim, sim, eu lá vou
Ó pequerruchinha.

UMA VOZ

Agora sou pintassilgo
Destas meninas d'agora.

CORO

Sim, sim, eu vou lá, etc.

UMA VOZ

Pintassilgo está no bosque,
A andorinha no telhado.

CORO

Sim, sim, etc.

UMA VOZ

Só eu não sei onde estou,
Quando não estou ao teu lado,

CORO

Sim, sim, etc.

VOZ

A andorinha quando chove
Vai meter-se à escuridon

CORO

Sim, sim, etc.

VOZ

E eu quando o norte é rijo
Meto-me ó teu coraçõ.

CORO

Sim, sim, etc.

TODOS

Biba a Sra. Morgadinha! Biba!

MORGADINHA

Então vocês vão já para a romaria?

UMA DELAS

Aindas bamos buscar as caseiras de vossenhoria que estão à espera
de nós, e os pois voltemos por qui.

MORGADINHA

Pois vão, e voltem.

*(Saem cantando o São João. A Morgadinha fica pensativa e melancólica,
encostando o rosto à mão, enquanto se ouve e se vai perdendo a toada da
cantiga)*

CENA VI

Morgadinha e João Lopes.

MORGADINHA

Como estes brutos são felizes!... E eu sempre apoquentada por causa
deste coração! Ai! eu antes de saber o que era amor também
cantava... Lembras-te, ó João Lopes?

JOÃO LOPES

Ora se lembro! E cantava que nem uma calhandra a fidalga!

MORGADINHA

Olha se te lembras, João! Eu ia às espadeladas, às descamisadas, às malhas, brincava, saltava...

JOÃO LOPES

Até dançava a cana verde, e a chula que era um gosto vê-la!... E quando a menina quis que eu lhe ensinasse o jogar o pau...

MORGADINHA (*com alegria*)

É verdade...

JOÃO LOPES

E o caso é que vosselência aí com duas dúzias de lições já me chegava com o pau.

MORGADINHA (*erguendo-se entusiasmada*)

E daquela vez que eu me vesti de rapaz, e pus fora da eira do Manoel Tamanqueiro, com quatro partidas de pau, mais de seis mascarados que lá andavam a beliscar as minhas caseiras!

JOÃO LOPES

Por sinal que a menina deu uma taponada no Zé Torto, que ficou torto de todo... Ó fidalga, vosselência hoje já não era capaz de romper aí com um marmeleiro pra frente de um homem qualquer!...

MORGADINHA

Estás enganado... se me chegassem a mostarda ao nariz... Mas, ai!... (*Torna a sentar-se triste*) A minha alegria foi-se desde que eu soube o que era amor!... Olha lá, João... Não o viste hoje? não viste o meu amado Frederico?

JOÃO LOPES

Fale baixinho, menina. Olhe que o Sr. morgado ainda há bocado me esteve dizendo que desconfia que ele anda por aqui de noite. A fidalga acautele-o; que não vão os criados chegar-lhe ao forro da camisa...

MORGADINHA (*erguendo-se colérica*)

Façam isso, que os esgano! Que lhe ponham um dedo, e verão quem é a morgada de Val-d'Amores!

JOÃO LOPES

Não grite assim, que seu pai, se a ouve, quem as paga sou eu. A falar a verdade, eu não desgosto do Sr. Frederico; mas, enfim, esta aquela de ser escrivão, é ruim modo de vida para poder casar com a Sra. Morgadinha...

MORGADINHA

Isso que tem!?! Todos somos iguais; e o coração, quando ama, não quer saber de contos. Uma pessoa não está lá a averiguar se o objeto amado é fidalgo ou plebeu. Tem-se visto rainhas casarem com pastores, e reis casarem com pastoras.

JOÃO LOPES

Cá no conselho de Santo Tirso não me consta, há de perdoar.

MORGADINHA

Mas lá por esse mundo fora acontece isso a cada passo. Tu é por que não lês os livros das histórias. Eu te lerei casos que aconteceram... E então que tinha que eu casasse com um escrivão?

JOÃO LOPES

Enfim, enfim, o paisinho da fidalga foi capitão-mor, seu avô foi desembargador, e seu bisavô foi sargento-mar de batalha no Roussilhon...

MORGADINHA

Vai dizendo até chegar a Adão e Eva, vai dizendo, e eu depois te direi de quem eu e mais tu somos netos.

JOÃO LOPES

Isso assim é, não há dúvida; mas, diz lá o ditado, lé com lé, e cré com cré.

MORGADINHA

Não quero saber de ditados! (*Com força*) Este amor só mo há de arrancar do peito a morte!

JOÃO LOPES (*apontando para o brasão*)

Fidalga, ponha os olhos nas armas reais dos seus antepassados.

MORGADINHA

Ora! não tenho mais que fazer... Cuidas que eu não sei que meu avô casou com uma criada? Mostra-me onde estão ali as armas da criada. Bem se importou ele das armas, nem do brezabu que as leve! É o que faltava... estar-me eu aqui a definhar p'ra'mor da pedra! As armas são de pedra, e eu sou de carne e osso, ouviste?

JOÃO LOPES

A fidalga responde a tudo, e não há remédio senão calar-se um homem, que a trouxe nos braços desde os três anos, e sou capaz de me meter no inferno vestido e calçado por causa da minha menina. (*Sensibiliza-se*)

MORGADINHA

Sei o que tenho em ti, meu João Lopes... Vais tu aí ao cimo do pinhal a ver se o vês pela estrada?... Ele disse-me que havia de passar para a romaria às seis da tarde. Se o encontrares, diz-lhe que meu pai se está a vestir para ir também, e que ele pode demorar-se a conversar comigo um bocadinho.

JOÃO LOPES

Vou ver se o avisto; mas, menina do meu coração, olhe que seu pai anda à espreita e traz espias... Nós temos grande desgraça pela porta...

MORGADINHA (*energicamente*)

Não morro de medo, já te disse. A mulher que ama não tem medo de nada!

JOÃO LOPES

Seja assim; mas, se lhe quebram o espinhaço a ele! Coitado do homem, é tão delgadito que, se o apanha o vento de um pau, ele vai a terra...

MORGADINHA

Quem lhe há de bater?! Cuidas que ele não anda armado? Que se atrevam somente a ameaçá-lo!...

JOÃO LOPES

Cá vou, cá vou, não se desespera. (*Sai*)

CENA VII

MORGADINHA (*senta-se quebrantada e triste*)

Ai! quem me dera casar!... quem me dera casar com Frederico Artur!... (*Música de surdina*) Como eu gosto dele! Há mais de dois anos que este meu coração padece! Não há noite em que eu não sonhe duas vezes com a sua imagem... Quando acordo, e o não vejo, a minha vontade é chorar, chorar, chorar! Perdi a vontade de comer! Tudo me faz fastio. Os cirurgiões mandam-me tomar águas férreas!... e só eu sei o que tenho! O meu mal é aqui!... (*A mão sobre o coração*) Oh céus! quanto eu sou desgraçada sem o meu Frederico! (*Ergue-se, e fala com muito sentimento. Música plangente*) Quando eu o vi, pela primeira vez, foi na hospedaria das Caldas de Vizela, onde meu pai tratava do seu reumático. Estávamos a jantar quando ele entrou, e meu pai ofereceu-lhe frango com ervilhas. Ele agradeceu, mas não comeu, dizendo que o seu jantar era um ovo quente. E daí a pouco, trouxeram-lhe um ovo quente numa tigela; e ele comeu o ovo, bebeu um copo d'água fresca, e disse que tinha jantado! Como eu fiquei triste e pensativa a olhar para ele, e ele para mim! Perguntei-lhe, sem o pai ouvir, se podia viver só com um ovo, e ele respondeu que a sua alma se sustentava com a esperança de ser amado por mim... e com três ovos por dia. Oh! que lembranças estas, que lembranças estas! (*Chora*) E vai depois, disse-lhe eu: "O senhor está assim magro porque come muito pouquinho; se gosta de ovos coma uma dúzia deles de cada

vez"; e ele pregou-me os seus lindos olhos, e respondeu a suspirar: "Que me importa o corpo? a mim o que me importa é o coração que é grande; e, se o corpo é magro, mais depressa me reduzirei a cinzas se vossa excelência me desprezar." Isto fez-me no peito moça! fiquei presa deste dito; senti por aqui acima uma fogueira que me pôs a cara em brasas vivas, e não lhe disse coisa de jeito porque fiquei um pedaço entalada. Depois, ao despedirmo-nos, com muita vergonha, sempre pude dizer-lhe: "amo-vos, meu bem!" Ora aqui está como começou isto. Desde então para cá apenas lhe tenho falado umas três dúzias de vezes da janela para o caminho... Sinto-me muito acabada; e, se isto assim dura, não vou longe. Ele também está no osso, o meu pobre Frederico!... Antes de começar estes amores, eu pesava cinco arrobas e seis arráteis pela medida antiga; pois aqui há oito dias pesei-me de novo, e tinha mingado duas arrobas. Assim não podemos viver, nem eu nem ele. *(Com força, que a música imita)* É preciso acabar com isto de uma maneira ou de outra. Se meu pai quer, quer; senão quer, quero eu. Uma mulher não pode ser escrava da sua fidalguia. Antes quero ser esposa de um escrivão, e viver contente, que ser a Morgadinha de Val-d'Amores, e estar-me aqui a pôr na espinha... *(Ouve-se rumor de vozes fora)* É o meu papá!... *(Senta-se)* Vem-me empatar as vazas...

CENA VIII

Pantaleão, Macário e a Morgadinha.

(Macário é um sujeito de óculos e casaca de briche, já de anos, e ar circunspeto)

PANTALEÃO *(à parte ao boticário)*

Veja lá como lhe fala... Olhe que ela é finória... *(À filha)* Cá me vou preparar, Joaninha. Aqui te deixo o Sr. Macário para não ficares sozinha. *(Sai)*

CENA IX

Macário e a Morgadinha.

MACÁRIO

Tenha vossa excelência muito boas tardes.

MORGADINHA (*enfastiada*)

Viva, Sr. Macário, as mesmas.

MACÁRIO

Tem-lhe passado o fastio? Aquele emplasto confortativo que eu lhe mandei fez-lhe bem?

MORGADINHA

Não o pus: cheirava a pez.

MACÁRIO

De pez de vergonha era; fui eu mesmo que o manipulei... Então, a Sra. Morgadinha vai ao arraial?

MORGADINHA

Vou.

MACÁRIO

Faz muito bem; que lá há de encontrar pessoa que muito interessa a vossa excelência... enganei-me... pessoa que muito se interessa em ver vossa excelência queria eu dizer.

MORGADINHA

Como é isso? não percebi.

MACÁRIO

Eu me vou explicar. Eu cheguei ontem de Guimarães, onde estive com o Sr. deputado Cosme Jordão, um sábio que tem votado grandes falas no parlamento... Há de ter ouvido falar vossa excelência...

MORGADINHA

Não sei nada de parlamentos, não leio periódicos.

MACÁRIO

Pois, minha senhora, o doutor Cosme Jordão é um sujeito conhecido em todo o mundo, e lá na corte até vai ao palácio do rei e come lá...

MORGADINHA

Deixá-lo comer, que tenho eu com isso?

MACÁRIO (*à parte*)

Não faço nada! está hoje levadinha dos diabos.

MORGADINHA

Vamos, diga lá, Sr. Macário.

MACÁRIO

Pois este deputado vai hoje à romaria do São João.

MORGADINHA

Deixá-lo ir; que se divirta. Então é esse o homem que me quer ver?

MACÁRIO

Eu me explico. O Sr. deputado Cosme diz que vira vossa excelência...

MORGADINHA

Ainda bem; é sinal que não é cego. E que mais?

MACÁRIO

E que ficou muito agradado de vossa excelência...

MORGADINHA

Pois tem mau gosto e perde o tempo. Que mais?

MACÁRIO

Vossa excelência, se o vir, não há de falar assim. É ainda homem de boa idade, cheio de corpo, com uns óculos que lhe dão muito respeito à cara.

MORGADINHA

Ora! óculos de respeito! que me importa cá a mim os óculos do homem? sabe que mais, Sr. Macário? (*Põem-se a bamboar uma perna sobre a outra, e a trautear o "Pretinho que vem de Angola"*)

MACÁRIO

Finalmente, Sra. Morgadinha, como vossa excelência quiser; mas lembre-se de que seu pai deve à fazenda nacional uns seis contos de réis, e que o Sr. doutor Cosme, casando nesta casa, há de fazer com que seu pai não pague nada, e mesmo no futuro lhe não lancem impostos.

MORGADINHA

Não me seque, Sr. Macário. Vocemecê queria que meu pai pagasse comigo ao tal Cosme o que deve à fazenda? Pois que pague com o que é dele, e que me deixe com menos dote. Tenho dito, e deixemo-nos de lerias. Meta-se lá na sua botica e não se faça casamenteiro. Vá fazer xaropes.

MACÁRIO (*à parte retirando-se*)

Apre com a cabra!

MORGADINHA

Que tal está o sacripanta!

CENA X

João Lopes, espreitando a Morgadinha, e depois Frederico

JOÃO LOPES

Psiu, psiu.

MORGADINHA (*sobressaltada*)

Viste-o?

JOÃO LOPES

Ele aí vem... Eu vou espreitar, e assim que eu tossir que fuja para a carvalheira.

FREDERICO

Anjo! milagre de beleza, Joana querida, não sentes nestas mãos o vibrar da alma?

MORGADINHA (*muito terna*)

Como estás tu? passaste bem desde ontem?

FREDERICO

Pergunta ao lírio do vale o que lhe pende a fronte quando o orvalho do céu lhe não esfria os queimores do sol estivo.

MORGADINHA

Olha lá, Frederico, tenho a avisar-te, antes de mais nada, que é preciso andares prevenido...

FREDERICO

Temos sicários? Há aqui vampiros? A vindicta paterna tem sede do meu sangue? Eis aqui o peito. Que me farpem, que me fendam, que me alanceiem, que me lancetem. Tudo por ti, tudo por ti, ó estrela, ó loira visão dos meus sonhos!

(*Rumor fora*)

MORGADINHA

Foge... esconde-te entre as árvores...

(*Frederico some-se*)

CENA XI

Morgadinha, os dois campônios que vão passando, e depois Frederico.

(Um campônio tange flautim e outro viola. Duas moças à frente batendo palmas ao compasso do canto, e saltando)

UM CAMPÔNIO *(cantando)*

Muito bem seja aparecido

Seja aparecido

nesta função. (Batendo palmas)

CORO

Bate as palmas c' o seu pexinho

Co' seu pexinho

Co' seu pexão. (Repete)

(Assim que eles passam, a Morgadinha sai do portão, e logo Frederico do esconderijo)

FREDERICO

Mas dizias tu, pomba?

MORGADINHA

Que te acautelasses dos meus criados quando vens de noite. Deves vir bem armado.

FREDERICO

Armado! para quê? Tu não sabes que o teu amor é talismã que prostra gigantes! As minhas armas são os raios de fogo que bebo de teus olhos; tenho vesúvios na alma capazes de abrasar cidades!

MORGADINHA

Isto não é chalaça, meu amado Frederico! Peço-te que tenhas cuidado, muito cuidado. Se eu pudesse estar sempre ao teu lado, não temeria ninguém... Tu verias o que é a morgada de Vald'Amores... Mas eu não sei como isto há de ser... Bem sabes que meu pai tem a mania de fidalgo...

FREDERICO (*interrompendo-a com exaltação*)

Fidalgo! que é fidalgo?! palavra obsoleta em 1871! Que é fidalgo? a sola velha e inútil de um borzeguim do século XV! Oh! então é certo que teu pai ignora, que o batismo de sangue da revolução francesa lavou todas as manchas da desigualdade entre homem e homem! Oh! a revolução! o segundo cristianismo! Que é fidalgo? teu pai não sabe que aquele brasão de armas (*apontando*) está ali como a pedra sepulcral das cinzas feudais! Teu pai está debaixo do sol e não sente o calor da fermentação social! Ouve o estrondar da democracia reinante, e volta a face para os fantasmas dos avoengos que se somem lá em baixo no abismo da história!

MORGADINHA

Não sei lá dessas histórias; o que te peço é que não te exponhas a levar alguma paulada à falsa fé. Olha que os meus criados são uns patifes, e meu pai não é boa rês, quando se arrenega. Pensa no que se há de fazer, porque ele não nos dá consentimento para nos casarmos.

FREDERICO

Hei de movê-lo com a eloquência de um homem aquecido no sol moderno. Hei de convencê-lo, enchendo-lhe o espírito de luz e o coração de ideias novas.

MORGADINHA

Não te metas nessa asneira, que não fazes nada.

(Tem-se já ouvido toada de música da chula, e depois a tosse rija de João Lopes. Frederico some-se sem ser preciso mandá-lo. A Morgadinha fica)

CENA XII

Chega uma chulata que vai de passagem para a Romaria. Bando de raparigas que precedem, bailando; tocadores de rebeca, viola, clarinete, ferrinhos e requinta. A esturdia para defronte da Morgadinha, e continua dançando cada rapariga com o seu parceiro. Enquanto o cantador deita a

cantiga, tange somente a viola. Entre os dois primeiros versos e os dois últimos de cada quadra há um espaço que dá lugar a que toquem por alguns segundos todos os instrumentos.

CANTADOR

Agora que eu vou passando,
Faço aqui minha parada;
Para saber da saúde
Da inelentíssima morgada.

CANTADEIRA

Da inelentíssima morgada
Também eu quero saber,
Que mais linda criatura
Não na pode o mundo ter.

CANTADOR

Não na pode o mundo ter
Nem terá até ao fim;
Os seus olhos são d'amoras,
Os seus dentes de marfim.

CANTADEIRA

Se tem dentes de marfim,
O seu rosto é uma rosa;
E viva sua inelência
Que não na há mais fermosa.

CANTADOR

Quero dar a despedida
À senhora Morgadinha;
Que não há por estas terras
Mais bonita fidalguinha.

CANTADEIRA

Eu tamém vou despedir-me,
Despedida quero dar;
Adeus, senhora morgada,
Sirva-se de perdoar.

(A Morgadinha agradece-lhes com um aceno de lenço. O bando sai tocando e dançando. Assim que o descante se ouve frouxamente, volta Frederico)

CENA XIII

Morgadinha e Frederico.

FREDERICO

Tenho ódio a estes selvagens que me roubaram horas de vida!
Quando sairão os lorpas da face da terra?

MORGADINHA

É verdade, Frederico! Trouxeste-me os figurinos?

FREDERICO

Ei-los chegados hoje de Lisboa.

MORGADINHA *(examinando-os)*

Ai! que demônio de mulheres! Pois elas trazem estes vestidos assim incozipados nas pernas!?

FREDERICO

Oh! isto é a elegância circassiana! é a forma na sua diafaneidade sublime; há aqui a poesia do fino, a mulher parece toda nervosa, é o lirismo da plástica...

MORGADINHA *(rindo)*

Se eu te percebo, sebo! Boa cataplasma me parece este molho de clinas e saca-rolhas que elas têm na cabeça.

FREDERICO

Não blasfemes! Ó Joanhinha, veste-te assim; realça, sobredoura a tua beleza com estes adornos que angelizam a mulher de compleição robusta, e transformam a mimosa em cousa ideal vestida de vapores. A mulher assim envolta em roupagens etéreas é um madrigal de cetim que caiu das liras dos anjos.

MORGADINHA

Pois sim, faço-te a vontade. Vou mandar comprar no Porto esta trapalhice toda...

CENA XIV

Os mesmos e Pantaleão.

(Abre-se o portão repentinamente e aparece súbito Pantaleão. Frederico ainda faz um ímpeto de fuga, mas contem-se, e corteja mui urbanamente o fidalgo)

FREDERICO

Passava para a romaria, e, como visse sua excelência (*indicando a Morgadinha*) vim depor a seus pés os meus respeitosos cumprimentos, e informar-me da saúde de vossa excelência.

PANTALEÃO

Estou bom, muito obrigado. Onde está o João Lopes?

MORGADINHA

Foi aparelhar a burra.

PANTALEÃO

Vai tu preparar-te que são horas.

MORGADINHA

Quer ver como agora são as modas, papá? Olhe, o Sr. Frederico vai levar estes figurinos às nossas primas de Ruivães.

PANTALEÃO

Pois faz-me o Sr. muito favor se me cá não trouxer bonecos a casa. Nós cá não somos de modas.

FREDERICO

Direi a vossa excelência, Sr. morgado, que as modas tem certa relação com o espírito das gerações e das épocas. Agora que o entendimento humano se adelgaça, o involucro material também se subtiliza nas raças finas...

PANTALEÃO (*medindo-o de alto a baixo com ironia*)

Bem se vê que o Sr. escrivão é de uma raça muito fina... pelo muito adelgado que está...

FREDERICO

Não me jato de prosápia heráldica; mas, na jerarquia dos espíritos, prezo-me de pertencer ao bando mais iluminado. Respeito muito o brasão; mas curvo-me diante da aristocracia do gênio e do talento.

PANTALEÃO

Sim, o senhor tem muito talento, bem sei... Já te disse, Joana, que te vás arranjar.

MORGADINHA

Adeus, Sr. Frederico, muito obrigada. (*Sai*)

CENA XV

Pantaleão e Frederico.

FREDERICO

Criado de vossa excelência (*Vai a sair; mas Pantaleão detém-no*)

PANTALEÃO

Faça favor.

FREDERICO

Escuto as suas ordens.

PANTALEÃO

O senhor anda muito mal encaminhado. Minha filha é a morgada de Val-d'Amores; o senhor é o escrivão de fazenda de Santo Tirso. Estão um do outro tão longe como aquela pedra de armas do rebolo de um sapateiro, entendeu?

FREDERICO

Entendi, que vossa excelência tem um estilo bastante chato. Entendi, posto que vossa excelência fale uma linguagem assaz gótica em pleno século XIX.

PANTALEÃO

Pois se entendeu, tire o seu atrevido pensamento de minha filha, e procure a forma do seu pé. Não me obrigue a usar dos usos e costumes dos meus avós. Quer que lhos diga?

FREDERICO

Heroísmos dos seus ascendentes? Essas Odisseias da aldeia são hoje impraticáveis. Eu sei em que tempos vivemos, Sr. morgado.

PANTALEÃO

Sabe? pois olhe que não sabe em que terra vive. O senhor veio lá de Lisboa onde qualquer bigorrilhas, que põe gravata, entende que é igual a todo o homem que põe gravata; o que o bigorrilhas não quer é ser igual a todo o homem que não tem gravata.

FREDERICO

Aí há certa sublimidade de ideia, de que lhe dou os parabéns. Vossa excelência ia quase escrevendo de um traço a história filosófica da democracia moderna.

PANTALEÃO

Eu não escrevo história nenhuma; o que eu lhe digo é que isto cá nas montanhas é outra cousa. Os morgados são morgados; os escrivães são escrivães; e os sapateiros são sapateiros. Ora, quando acontece

alguém querer sair da sua classe, primeiro avisa-se; depois quebram-se-lhe as costelas. O senhor sabia isto?

FREDERICO

Eu não sabia que estava na Cafrária. Cuidei que este concelho era um retalho do Portugal civilizado; cuidei que a luz do grande foco radiara uma flecha de luz até ao coração de vossa excelência que me parece ser uma pessoa de bons costumes, e não um esquimó. Cuidei finalmente que o Evangelho e a Carta constitucional nivelavam a dignidade humana...

(Ouve-se o cantar das raparigas que se avizinha)

PANTALEÃO

Enganou-se comigo. Eu sou Pantaleão Cogominho de Encerrabodes, décimo oitavo senhor do morgadio de Val-d'Amores. Quem houver de casar com minha filha há de poder deixar apelidos nobres ao vigésimo senhor desta casa. Tenho dito, e acabou-se o cavaco. Saúde e juízo. *(Volta-lhe as costas. Frederico bamboa a cabeça altivamente e retira-se)*

CENA XVI

Morgadinha, Pantaleão, e o bando das moças e tocadores que apareceram na terceira cena.

(A Morgadinha sai sentada sobre a jumenta. Vem vestida de Amazona. João Lopes de farda azul com vivos vermelhos, bota de orelha e prateleira, colete encarnado, e chapéu embriado, tudo à antiga e grutesco, vem trazendo a burra pela rédea. As raparigas estão cantando as seguintes)

(Coplas)

UMA VOZ

Dondes vens ó velha?

Eu venho da feira.

CORO

Que trazes na cesta?

Crá, crá, crá,

Sardinha vareira,

Cri, cri, cri,

Por a retangueira;

Cró, cró, cró,

Se o galo cantou.

UMA VOZ

Se o galo cantou

Deixá-lo cantar.

CORO

Minha rica prenda

Crá, crá, crá,

Lá da beira mar

Cri, cri, cri,

Pela retangueira,

Cró, cró, cró,

Se o galo cantou.

UMA VOZ

De onde vens ó velha?

Eu venho dali.

CORO

Que trazes na cesta?

Crá, crá, crá,

Que te importa a ti,

Cri, cri, cri,

Pela retangueira,

Cró, cró, cró,

Se o galo cantou.

(Continua o canto ao descer do pano)

ATO II

Vista de arraial. É noite. Festões de lâmpadas de papel variiegado pendem dos ramalhos das árvores. Mulheres a frigar, ao lado das pipas cobertas de ramos de folhagem. Barracas com botequins. Multidão de povo a beber à volta das pipas. Sinos repicando, e estouros de foguetes. De ambos os lados da cena, mas fora, se canta o “São João” com vozes alternadas. Frederico passeia por entre o povo, mirando as raparigas. Os dois já conhecidos criados de Pantaleão, com as pernas encruzadas nos varapaus, medem de alto a baixo Frederico, e rompem a jogá-los um com outro. Frederico, por uma das suas evoluções maravilhosas de rapidez, desaparece. O povo ri-se, e ele reaparece logo, seguido por três cabos armados. Os cabos usam boné com debrum azul. Cessam as cantilenas, e rompe a banda musical de Santo Tirso, estrondosa em trompões, a qual entra em cena tocando uma marcha. Os músicos uniformes, de calça branca, casaco azul com vivos amarelos, o boné avivado da mesma cor. As figuras podem caracterizar-se caprichosamente. Em seguida, entra a Morgadinha, com o pai, Macário, Cosme Giraldes, e João Lopes. Cosme Giraldes é um sujeito gordo, aspeto sério, com os seus óculos, um todo de suma gravidade. Os circunstantes cedem o lugar aos recém-chegados, que formam grupos.

CENA I

Todos os descritos (grupo da Morgadinha e Cosme Giraldes).

COSME (com gesto de orador e com grandes pausas, à Morgadinha)

A festa animou-se com a auspiciosa chegada de vossa excelência O sol do empíreo e uma senhora bela, que é o sol dos corações sensíveis, onde brilham, tudo reanimam. Assaz ditoso me julgo em ser o mais feliz dos mortais que se sentem influenciados e entusiasmados pelos lumes encantadores de vossa excelência Falta, todavia, à minha completa dita a certeza de que os meus afetuosos requebros acham graça nos seus olhos.

MORGADINHA (*com desdém*)
Eu não lhe acho graça nenhuma.

COSME
Como assim, divina ingrata?

MORGADINHA
Já disse ao boticário o que tinha a dizer.

COSME
Pois o seu coração...

MORGADINHA
Está dado. Eu cá sou franca. Não perca tempo.

COSME
Não há dúvida que ouvi dizer que vossa excelência, vítima de uma alucinação, aceitava a corte de um esgrouvinhado arcabouço que exerce as ladras funções de escrivão da fazenda! Hei de eu, ó céus! acreditar que...

MORGADINHA
Sim, senhor, acredite, e faça favor de me não incomodar que eu vim à romaria para me divertir. (*Volta-lhe as costas*) Ó papá, quando se faz o Auto do Natal?

(*Ouve-se a música tocando uma marcha*)

PANTALEÃO
É já. Mande vir as figuras para aqui. Vai começar. Ó amigos, despachem o terreiro que chega o espetáculo.

(*O povo retira e apinha-se entre cenas*)

CENA II

Os mesmos, e as figuras abaixo descritas em lugar competente.

(A música entra a passo muito cadenciado com grandes pernadas. Chegada à boca do palco, alinha a um lado para dar o passo aos dois primeiros personagens do auto)

CENA I (DO AUTO)

Adônis traja de príncipe de carnaval; Manassés veste de profeta de procissão; mas toda a fatiota é muito usada e desbotada. Adônis traz um cavaquinho.

ADÔNIS (com declamação muito boçal)

Canta, Manassés, que eu te acompanho; para isso com esta harpa velho.

MANASSÉS (canta com ar inspirado, gesticulando estupidamente)

O céu estrelado,
Serenos e propício,
Será pois indício
Do sol desejado.

CORO DE PASTORES (Vozes femininas dentro)

Quem o habitará?
Quem o gozará?

MANASSÉS (cantando)

Vede a paz serena desta noite;
Nascerá a estrela de Jacó?
O gado sossegado adivinha;
Não se bole no ninho a avezinha.

CORO

Quem o habitará?
Quem o gozará?

ADÔNIS (declamando, e passeando com grandes passos)

Oh! que terno, caro Manassés, cantastes! O conceito da tua cançoneta amorosa me traz doces lembranças. Ainda em nossos dias, veremos realizadas as profecias? Não caibo na pele de estifeito; dá-me pancadas o coração neste peito!

(Frederico despede um impulso de riso. Espantam-se os circunstantes)

MACÁRIO

O senhor está a mangar destes atos sérios?!

FREDERICO

Pois isto é sério! então não há nada ridículo neste mundo senão o Sr. boticário.

MACÁRIO

O senhor é muito mal criado, é um incivil, é... é... um escravão!

MORGADINHA

Senhor Macário, não esteja a interromper o auto. Deixe lá rir quem quer rir; chore vocemessê, se tem vontade.

PANTALEÃO

Continuem lá vocês com isso.

CENA II (DO AUTO)

VOZ DE UMA PASTORA *(cantando dentro)*

Ó Deus do céu, e da terra,

Ó vós que podeis tanto,

Ouvide nossos clamores

Sede propicio, ó Deus santo!

CORO *(dos pastores)*

Do povo amado,

Mandai o desejado.

(Os que estão no palco fazem cenas mudas de ternura muito lorpas)

MANASSÉS

Escuta! Não foi ruiva, a pastora que cantou?

ADÔNIS

Foi. E os pastores também, que nenhum dorme.

CENA III (DO AUTO)

O velho Simeão e ruiva.

(O velho vestido de peles de carneiro. Ruiva de pastorinha, com um cordeiro branco nos braços)

SIMEÃO *(com os olhos no firmamento)*

Incelso, interno rei sobrano, que sobre os crebins tens assento,
oubide os nossos lamentos.

CORO

Do povo amado,
Mandai o desejado.

MANASSÉS

Agora creio no mistério oculto desta noite. Rebelas que todos os pastores têm um só pensamento.

SIMEÃO

Vinde pastores aqui todos; neste campo contemplaremos o silêncio da noite, que o autor de altos mistérios anuncia.

FREDERICO *(escancarando a boca)*

Que sensaboria!

MACÁRIO e COSME

Sio! *(Prolongado)*

CENA IV (DO AUTO)

Entram pastorinhos e pastorinhas.

RUIVA (*declamando*)

Aqui vimos, meus senhores,
Adorar nós o menino:
No seu santo nascimento
Com grande contentamento.

CORO

Se o menino é nascido,
Nós o bamos précurar;
Aparcei, senhor menino,
Que vos queremos adorar.

(Saem por diversos lados)

CENA V (DO AUTO)

Um rei turco e depois outros figurões.

REI TURCO (*com uma cara horripilante, e trejeitos assustadores*)

Sou o turco rei, que é
Valoroso na arrogância;
Por ser filho da fortuna
E neto da extravagancia!
(Corre brandindo a espada de um lado a outro)

De mouriscos reis nasci,
Sou seu filho alentado,
O meu braço furibundo
Deixa tudo escangalhado.
Co'esta espada sou capaz
De entrar pelo inferno dentro
E pôr tudo em mil pedaços
Que eu sou um rei sanguinolento!

(*Risada de Frederico*)

COSME

Já é pertinácia de espírito-forte e ateu estar aí o senhor a gargalhar em tão solene passo!

FREDERICO

Solene passo, diz o nobre deputado! chamar *solene passo* à prostituição da arte!

MACÁRIO

O senhor é que é uma prostituição! Bem disse aqui sua excelência que o senhor é um ateu! um ímpio que zomba dos mistérios dogmáticos!

VOZES (*dentro*)

Quebra-se-lhe a cabeça! — Bordoada rija! — Vamos a ele!

MORGADINHA (*erguendo-se colérica*)

Essa canalha que se cale! Ó João Lopes, onde está o regedor?

JOÃO LOPES

Saberá vossa excelência que o regedor tomou tamanha turca que está a cozê-la no palheiro de um lavrador.

COSME (*com ênfase*)

Um regedor crapuloso desacredita o funcionalismo e perverte a ordem social. A autoridade que dá o exemplo da relaxação dos costumes não pode educar as massas. É necessário que não se desvirtue e desprestige o funcionalismo, com a embriaguez dos regedores. Parece que estamos chegados à desmoralização do Baixo-império!

MACÁRIO

Apoiado!

MORGADINHA

Então os senhores fazem favor de deixar continuar o auto?

PANTALEÃO *(ao Rei turco)*

Ó Zé da Custodia, diz lá o que tinhas a dizer.

REI TURCO

Se isto não leva rumor, acaba-se a pandega!

FREDERICO

Magnificamente! Está a coisa definida: isto é uma pandega, e querem os moralões que a gente se desfaça em lágrimas! Faça favor de continuar, Sr. rei turco, que eu estou sério, e talvez chore.

REI TURCO

Agora não sou eu que boto a fala, é o outro rei. Entra, ó Manel Zarolho! *(Chamando para dentro)* O Manel Zarolho é o rei cristão. *(Explicando)*

CENA VI (DO AUTO)

Entra um Rei cristão com muitos pastores e pastoras.

REI CRISTÃO

Eu trago os meus companheiros
Fiéis à minha nação,
Para te convencer, ó turco,
E para te fazer cristão.

REI TURCO

Para onde ides, romanos,
Que tão alegres vos vejo?

REI CRISTÃO

Festejar o menino nado
Que é todo o nosso desejo

REI TURCO

Que é do passaporte?

REI CRISTÃO

Passaporte não trazemos,
Se nos não deixas passar
Para traz nós tornaremos.

REI TURCO

Para traz não heis de tornar;
Que eu vou buscar algemas,
Que vos quero algemar.
Pastores e pastoras (*cantando*)
Milagroso Deus menino,
Esta obra vossa é;
Ajudai-o a vencer
O turco inimigo da fé.

REI CRISTÃO

Saca lá da tua espada!

REI TURCO (*arrancando para ele*)

Ó cão, que sova tu levas!

CENA VII (DO AUTO)

Os mesmos e um anjo, que se mete em meio dos dois reis.

O ANJO (*Canta*)

Detém-te, bárbaro turco!
Cessa a tua infeliz sorte;
Faz-te cristão, que não tarda
Que te apanhe a feia morte.

CORO (*dos pastores*)

Faz-te cristão que não tarda
Que te apanhe a feia morte.

REI TURCO (*declama*)
Eu sou o rei Almeirante
La do reino da Turquia;
Nunca fui presoneiro,
Só do rei da Lixandria!

O ANJO (*canta*)
Detém-te bárbaro turco, etc.

CORO (*dos pastores*)
Faz-te cristão que não tarda
Que te apanhe a feia morte.

REI TURCO (*aflito*)
Que é isto? que sinto? que tenho eu aqui? (*Com a mão sobre o estômago*) Que tenho eu aqui?

FREDERICO
Há de ser vinho.

(*A Morgadinha ri-se às escâncaras*)

MACÁRIO (*sobremodo indignado*)
Não há notícia de tamanho escândalo!... O Sr. escrivão está mostrando que é um homem de sentimentos muito hereges!...

COSME
E eu assaz me espanto que a Sra. Morgadinha aplauda com a sua hilaridade estas interrupções indecentes!

REI TURCO (*zangado*)
Eu cá é que não estou pra chalaças!... Passem por cá muito bem. Por aqui me esgueiro. Ó rapaziada, vamos embora. Manda tocar a marcha ó Antonho da Pega.

(*Sai com os personagens do auto, atrás da Música, que vai tocando a marcha*)

CENA III

Os mesmos, exceto os personagens do Auto.

(Grande movimento e rápido. Macário gesticula com Jordão, e Pantaleão com a filha. Alguns campônios de varapau fazem cerco a Frederico. A Morgadinha passa por meio deles, bamboando a cabeça e vibrando o chicotinho. Frederico passeia com os cabos. Os campônios retiram-se, relançando olhos ameaçadores ao escrivão)

MORGADINHA

Isto já me aborrece, papá...

PANTALEÃO

Vamos embora, menina?

MORGADINHA

Por enquanto não: quero ver o fogo preso; mas vou descansar um pouquinho a casa dos caseiros.

PANTALEÃO

Vai, que eu vou buscar-te assim que principiar o fogo.

MORGADINHA

Ó João Lopes, vem comigo.

(Saem. Frederico retira-se pelo outro lado com os cabos)

CENA IV

Macário, Cosme e Pantaleão.

(Formam um grupo à parte, do povo que gira no fundo)

MACÁRIO

Ó Sr. morgado, pois vossa excelência deixa fugir esta ocasião de fazer quebrar o espinhaço ao maroto?

PANTALEÃO

A ocasião boa é; mas é que eu não quero que minha filha assista, por que ela é capaz de se meter no meio da desordem.

COSME

Pelo que observo, esta sua filha é uma heroína grega ou romana, Sr. morgado! Ela faz lembrar a Pantasilea do Virgílio, e outras façanhudas mulheres da história antiga! Nos tempos presentes, sou a dizer a vossa excelência que a mulher quer-se frágil, meiga e timorata; e por tanto permita que eu censure a educação que deu a sua filha!

PANTALEÃO (*dócil*)

Que quer vossa excelência? É filha única, ficou sem mãe muito cedo, e foi criada à laia de rapaz, a trepar às árvores, a atirar aos pássaros, e a jogar o pau; enfim, confesso que andei mal avisado. Eu então achava-lhe muita graça; hoje não lhe acho nenhuma; mas já não posso emendar a mão. É tarde; minha filha tem vinte e seis anos; há de ser difícil corrigir-se, só se o casamento fizer a mudança, e espero que faça.

COSME

Se o casamento fizer a mudança! Ora essa! Pobre marido que não tem os focinhos direitos vinte e quatro horas! Eu cá por mim, Sr. morgado, confesso que tive certos intentos matrimoniais com ela; à vista, porém, das suas informações, declaro que desisto e renuncio, por que me não sinto com forças e habilidade para domesticar uma cobra-cascavel...

PANTALEÃO (*formalizado*)

Não consinto que o Sr. Cosme chame cobra a minha filha!

COSME

Isto é uma comparação retórica, literariamente falando.

MACÁRIO

É retórica... Não se ofenda vossa excelência... talvez ignore que a retórica é uma ciência que permite, a respeito de cobras cascavéis...

PANTALEÃO

Não quero saber de retóricas: exijo que a filha do Pantaleão Cogominho de Encerrabodes seja respeitada! (*Volta as costas, e sai bufando*)

CENA V

Cosme e Macário.

COSME

Isto é uma família de hotentotes! Cheiram ao sertão estes selvagens! Do que eu me escapei! Se caio nas mãos destes dois bárbaros da idade media! Parece-me uma relíquia de ostrogodos esta gente! E vocemecê, Sr. Macário, a dizer-me que esta fidalga tinha uma educação fina!

MACÁRIO

Fina, não disse: há de perdoar-me, Sr. doutor Cosme; eu disse-lhe que ela era finória; de fina pra finória vai diferença, fisicamente falando.

COSME

Perdão. Vocemecê disse-me que ela tivera fina educação.

MACÁRIO

Isso então foi retórica...

COSME

Eu não admito retóricas em objeto tão sério como é o casamento! Olhem que educação fina a deste anjo! Trepas às árvores, atira aos pássaros, e joga o pau! Que predicados estes tão mimosos para aumentarem as graças virginais de uma menina! Não lhe falta senão

vestir-se de homem, que é agora o trajar das senhoras inocentes das novelas e dos dramas. Uma menina que enfia os seus pezinhos numas botas de canhão, e rompe com eles por umas pantalonas dentro, fica a recender um aroma suave de amores que nem açafétida! E há de a gente persuadir-se que mora uma alma muito cândida e muito pura dentro do peito que se albarda com um paletó de homem para arrotar francamente umas frases de bomba real que nos fazem comichões nos miolos e arrepios na espinha! Arreda! olha o que me estava reservado para os quarenta e seis anos! Uma mulher assim paralisava-me as funções do intelecto, e lá se me iam as minhas ovações parlamentares! Primeiro que tudo, sou do meu país, devo-me à regeneração da minha pátria, sou homem público; e um homem público quando se casa deve fazê-lo com dama que o não impeça nem apoquente. A fêmea natural do homem político é a política; a esposa, para os homens devotados aos interesses materiais do seu círculo, significa tão somente um suplemento vivo e útil às comodidades domésticas. Percebe vocemecê, Sr. Macário?

MACÁRIO

Ora se percebo! A minha mulher cá para mim também é um suplemento há muitos anos; e mais eu faço-a trabalhar na política enchendo os bilhetes de votos na eleição. Diz vossa excelência muito bem, que nós os homens públicos não temos tempo para cuidar de mulheres... (*Reparando em Frederico*) aí vem o ateu...

COSME

Vou-me safando que não quero palestras com este safio. (*Sai*)

CENA VI

Macário e Frederico.

FREDERICO (*encarando o outro com a costumada careta*)

O douto farmacopola está irado contra mim por que fui causa a interromper-se o escândalo do auto...

MACÁRIO

Eu não me meto com o senhor... Tenha a bondade de não embarrar cá por mim.

FREDERICO

A ciência é sempre orgulhosa. Façamos pazes e aliança, Sr. Macário Mendes. Eu, com a minha ciência das coisas espirituais e o senhor com a sua ciência do basalicão e do óleo de mamona, podemos dominar este concelho, reunidas as duas forças numa aspiração única. Por que me faz guerra inexorável e crua, Sr. Macário? Que lucra em impedir o meu consórcio com a Morgadinha? Por que anda o senhor servindo de alcaiete deste alarve de Guimarães, que é o trompão grandioso das maiores asneiras cívicas assopradas na charanga parlamentar? O ofício do Sr. Macário, neste negócio, desacredita um farmacêutico, que reúne ao conhecimento do gamão, ciência não vulgar da história dos doze Pares de França, e tem orvalhado com lágrimas os fastos sanguinosos de *Roncesvalhes*.

MACÁRIO

Vá mangar com o diabo que o leve... Eu lhe mostrarei brevemente quem é Macário Mendes... (*Sai*)

CENA VII

Frederico, João Lopes, e cabos.

(As cantadeiras que no fim do 1º Ato acompanharam a morgada entram a cantar a moda com que se fechou o dito ato)

CANTADEIRAS

De onde vens, ó velha,
Eu venho da feira, *etc.*

(Num intervalo da 1ª à 2ª trova João Lopes acerca-se de Frederico com disfarce)

JOÃO LOPES

Olhe, se foge, que o senhor vai levar pancada de criar bicho. Estão-se a preparar os valentões.

(Frederico apita rijo. Aparecem de diferentes saídas 6 cabos de polícia que escutam Frederico, enquanto se repete a cantilena. Finda a cantilena, ouve-se fora o rumor da desordem, e o estalido dos varapaus. As cantadeiras fogem alvoroçadas a dar gritos)

CENA VIII

Frederico, cabos, um desconhecido, e campônios.

FREDERICO *(com intimativa bélica)*

Formem em linha. Carregar armas!

UM CABO

Estão carregadas.

FREDERICO

Vamos ser atacados pelos desordeiros. À voz de fogo, atirem.

(Vê-se atravessar a cena por entre o povo um Desconhecido de chapéu derrubado, o rosto coberto por um lenço, de caraça, polainas de briche nas pernas e pés, com um grosso pau de choupa. Próximos de Frederico os valentões param, com os paus cruzados nas pernas, gingando em atitude ameaçadora. Frederico, não se desvia dos cabos. De repente, rompem de fora uns poucos varrendo o campo a pauladas)

FREDERICO

Cabos de polícia, sentido! Preparar armas!

(Sai perto da boca da cena o Desconhecido. Encosta-se ao pau observando os movimentos dos valentões, os quais vem já avançando, já recuando, crescendo sobre Frederico)

FREDERICO *(aos cabos)*

Aperrar armas!

(Uma paulada faz saltar a clavina das mãos de um cabo. Os outros fogem. Frederico recua, apitando rijamente. No maior aperto, o Desconhecido salta para a beira dele, descobre a choupa do pau, e arremete com os agressores. Estes, forçados pela destreza, fogem, logo que o primeiro cai de uma paulada. A vozeria cresce no momento em que o palco está despejado. O Desconhecido trava do braço de Frederico, e o traz à boca da cena)

FREDERICO

Quem é o valente homem a quem devo a vida?! quem é?

MORGADINHA *(arrancando o lenço do rosto)*

Sou eu! salvei-te, Frederico!

FREDERICO

Ó Morgadinha de Val-d'Amores! Tu!... oh! tu!... Como és ideal e angélica! *(Ajoelhando)*

ATO III

Salão da casa de Val-d'Amores. Móvelia antiga de couro de Moscóvia. Reposteiros já envelhecidos com brasões. Alguns retratos. Um piano moderno.

CENA I

Pantaleão e Macário.

PANTALEÃO

Como eu lhe vinha contando, amigo e Sr. Macário Mendes, minha filha, desde que começou a vestir-se à moda, e a tocar piano, está muito distraída do troca-tintas do escrivão. Não anda por janelas, não sai de casa, e gasta alegremente o seu tempo a tocar, a cantar e a vestir-se. Isto custa-me um dinheiro calado; mas dou-o por bem empregado.

MACÁRIO

E quem é que ensina a Sra. Morgadinha a tocar?

PANTALEÃO

É a mulher de um sujeito que se estabeleceu há pouco em Santo Tirso com loja de fazendas brancas...

MACÁRIO

Bem sei, bem sei.

PANTALEÃO

Foram lá as primas de Ruivães que fizeram a descoberta; mas o que tem muita graça é que o homem da mestra é tão ciumento que só a deixa ir a casas onde não há homens...

MACÁRIO

Que tal peseta é ela!...

PANTALEÃO

E para vir aqui, pôs por condição que a mulher só viria à noitinha acompanhada pelo marido que a deixa à porta, e vem por ela duas horas depois. Eu estive quase a não aceitar tal professora por saber que o escrivão de fazenda estava muitas vezes na loja do marido; e recei que ela fosse medianeira de alguma carta...

MACÁRIO

E tem razão, Sr. morgado... Veja lá!... olhe que o mundo é um covil de marotos!

PANTALEÃO

Não há receio; que eu tratei de me informar, e soube que o lojista pôs fora da loja o velhaco do Frederico, por desconfiar que ele lhe trazia de olho a consorte.

MACÁRIO

Não que sem licença dele não há maior desmoralização neste mundo! Aquilo tem mesmo ideias de Sardanápalo! Ainda bem que lhe está por um fio a ladroeira da repartição...

PANTALEÃO

Conte lá isso então. Em que termos está a bernarda? Rebenta hoje ou amanhã?

MACÁRIO

Hoje. Está tudo alevantado quando for nove horas. Os sinos hão de tocar a rebate nas quatro freguesias mais chegadas, e o povo cai todo sobre Santo Tirso, e faz cerco para que o escrivão não possa escapulir-se; que ele é leve como uma pena, e quando a gente mal se precatar, vê-o fazer vispre, zêpe-zêpe (*expressão sibilante para imitar a rapidez da corrida*).

PANTALEÃO

Se ele fugir, amigo Macário, deixá-lo ir. Nada de o agarrar, que não vão os meus criados escadeirá-lo e eu ter de o pagar por bom. O que eu desejo é que ele não apareça mais em Santo Tirso. Lá a respeito da papelada isso é queimá-la toda; que depois o governo como não tem cadernos para a cobrança dos impostos, não o manda para cá a ele nem a outro.

MACÁRIO

Grande ideia é essa, Sr. morgado! E o governo faz uma economia bem boa. Se a gente fosse dando cabo dos empregados, ajudava o governo a fazer economias, porque depois não havia quem quisesse servir os empregos. O sistema é um bocado violento para os empregados, mas eu não vejo outro meio de os ir acabando...

PANTALEÃO

Não acho isso humanitário!

MACÁRIO

Meu caro amigo e Sr. morgado, eu sou homem político há trinta anos, leio jornais, e tenho feito muita soma de deputados; conheço por dentro e por fora o país e as suas necessidades. Fique certo disto; enquanto se não der fim a uma casa a que os jornais chamam *burrocracia*, não se endireita a pátria.

PANTALEÃO

Como se chama isso?

MACÁRIO

Burrocracia, que pelos modos é palavra de idioma francês, que vem a dizer empregado público.

PANTALEÃO

SEnhor Macário, vá indo cá com as minhas ideias moderadas. O melhor sistema de se acabar com os escritvães de fazenda é queimar os cartórios. Eu lhe ponho uma comparação. Se eu queimar a palha que tenho, e não comprar outra, que me acontece à minha parelha de machos? Morrem de fome, não é verdade?

MACÁRIO

Isso é.

PANTALEÃO

Pois aí tem: os escritvães, em se lhe queimando os papéis, não tem que roer.

MACÁRIO (*duvidoso*)

Nada; a comparação dos machos não me convence, queira vossa excelência perdoar. (*Com energia*) Matá-los, matá-los, é o grande *desideratum*.

PANTALEÃO

E os papéis? deixam-se ficar?

MACÁRIO

Os papéis queimam-se, queimam-se as casas, queimam-se os escritvães! Nada de cataplasmas emolientes; o país o que precisa é cáusticos e ventosas.

PANTALEÃO

Ora vocemecê, Sr. Macário Mendes, sabe que no cartório do tal pulha está o processo da execução que a fazenda nacional me move...

MACÁRIO

Por seis contos de uma fiança dos bens dos frades, sei muito bem... Esteja descansado, que não há de lá ficar papel em que se amortalhe um cigarro.

PANTALEÃO

Quem é o chefe da revolução?

MACÁRIO

Á falta de homens por hora sou eu; mas não sei a que os comandantes das freguesias decidirão. Já ouvi rosar que eles querem aclamar vossa excelência general em chefe.

PANTALEÃO

Homem, tire isso da cabeça às freguesias. Vocemecê bem sabe que eu ando muito adoentado dos intestinos, e não posso deixar de tomar o meu banho de canoa à noite. Dinheiro, sendo preciso, algum darei para a revolução; mas entrar nela em pessoa não posso por causa desta moléstia dos reins que me não deixa cavalgar; e vocemecê bem entende que um general em chefe a pé não tem jeito, nem pode ver de longe o inimigo, se nos for necessário entrar em batalha com o exército. Dispensem-me por tanto de tamanha honra.

MACÁRIO

Farei as diligências; mas receio que...

CENA II

Os mesmos e a Morgadinha.

(A Morgadinha traja na última moda, mas exageradamente. Vestido muito curto, sem alguma roda, apanhando-se-lhe cingido às pernas; grande laço

na cintura posteriormente; sapatos de salto dourado; cabeleira com estupendos tufos encaracolados)

PANTALEÃO

Vens para o piano, Joaninha?

MORGADINHA (*pondo luneta de ouro*)

Sim, papá, vou estudar a minha lição de escala. (*Senta-se ao piano*)

MACÁRIO (*à parte, benzendo-se espantado do trajar da morgada*)

Que desmoralização! Isto é o pecado em carne e osso!

PANTALEÃO

Está vocemecê admirado destas modas, amigo Macário!

MACÁRIO (*irônico*)

São bonitas... (*Grave*) Mas não acho isto decente para a observância dos bons costumes.

MORGADINHA

Que quer? é moda; andam assim todas as senhoras do tom.

MACÁRIO

Do tom? Sem tom nem som. As minhas filhas assim não hão de vestir, se Deus quiser.

MORGADINHA (*voltando o rosto com aborrecimento*)

Então as suas filhas são senhoras?

MACÁRIO

Daquela massa se fazem, Sra. morgada...

MORGADINHA (*dedilha nervosamente nas teclas*)

Adeus, adeus. Temos história!

PANTALEÃO (*a meia voz*)

Não a zangue... Deixe-a lá... Tomara eu que ela se entretivesse com os vestidos...

MACÁRIO

A cabeça... está feito, mas as pernas a ver-se-lhe, Sra. morgada! Assim não se podem observar os bons costumes...

(A Morgadinha canta acompanhando a escala, e desafina quando guincha as notas das oitavas altas. Macário Mendes, ofendido pela desarmonia, faz caretas)

PANTALEÃO

Ainda não sabes cantar modinha nenhuma, menina?

MORGADINHA

A mestra não quer que eu cante modinhas; aprendo a escala que é o essencial.

(Repete a escala, e quando principia a desafinar, Macário despede-se, apertando a mão a Pantaleão)

PANTALEÃO

Veja lá os meus papéis, Sr. Macário.

CENA III

Os mesmos e João Lopes.

JOÃO LOPES *(trazendo castiçais com luzes)*

Está na sala de espera a senhora mestra pianista e mais o marido.

MORGADINHA

Está! Papá, é preciso sair, tenha paciência. Bem sabe que ela, se vir homem aqui, não entra.

PANTALEÃO

Está bom pedaço de asno o marido! Então ele não sabe que eu sou um homem sério!

MORGADINHA

Que quer o papá! Já lhe tenho dito que pode entrar segura de que não ouve palavra que a ofenda; ela bem o sabe; mas o marido, se souber que a mestra falou com um homem, seja ele quem for, não a deixa voltar.

PANTALEÃO

Com certos indivíduos tem ele razão; mas nem todos são como o devasso escrivão de fazenda, que lhe andava a fazer a corte à mulher, e por isso foi posto de lá para fora. Acho justo que ele se acautele dos tratantes; mas de mim... parece-me bestialidade! Enfim cá vou. (*Sai*)

CENA IV

Morgadinha, João Lopes e depois Frederico.

MORGADINHA

Pode entrar a Sra. D. Tomásia.

JOÃO LOPES (*para dentro, levantando o reposteiro*)

Pode entrar a Sra. D. Tomásia.

(João Lopes sai, assim que entra a suposta mestra. Frederico vestido de mulher, o rosto coberto de véu espesso, e cachos. Chapéu antiquado de orelhas, que lhe ajudem a cobrir a cara. Vai direito ao piano. Vê-se a cabeça de Pantaleão que espreita por uma fimbria do reposteiro. João Lopes tosse)

MORGADINHA (*alto*)

Passou bem, Sra. D. Tomásia!... (*Baixo*) Não me fales que meu pai está espreitando, enquanto João Lopes tossir...

(Tocam e cantam a escala, Frederico canta em falsete a duo. Desarmonia nas vozes)

JOÃO LOPES

O Sr. morgado já está no pátio a conversar com o marido do Sr. Frederico; estejam à vontade que eu vou para o postigo da escada. Quando eu tossir, vejam lá...

FREDERICO (*levanta o véu, abraçando o velho*)

Este João Lopes é um prodígio de dedicação! é o tipo genuíno do antigo criado português! Se eu realizar os meus sonhos, João Lopes, você há de progredir na escala das importâncias sociais... Eu hei de arranjar-lhe a você um hábito de Cristo!

MORGADINHA

Deixa-o ir, deixa-o ir...

(*João Lopes sai*)

FREDERICO (*tomando-lhe as mãos calorosamente*)

E os nossos sonhos vão realizar-se, minha fada! Oh! (*contemplando-a absorto*) que deslumbrante! que eclipse estás fazendo nos anjos do céu! Não és só uma beleza! és um milagre! uma glória! uma divinização! Não ouse beijar-te as mãos... Os pés, os pés! Estes pés requerem tapetes de lábios e almofadas de corações! Consente que os beije, houri!

MORGADINHA (*desviando-se*)

Não sejas tolo! Gostas de me ver assim?

FREDERICO

Se gosto!... Sinto delícias que atormentam, amor que me rescalda as fibras íntimas do peito! Luz, luz que me cegas, faz-te lavareda, e... devora-me!

MORGADINHA

Vamos ao caso... Como estão os negócios?

FREDERICO

Ótimos. Logo que chegarmos a Lisboa, tenho a certeza de que será consagrado nos altares o nosso amor. Poderíamos evitar a fugida, requerendo tu a tua emancipação, visto que já contas vinte e seis anos; mas, como receias que eu seja assassinado logo que requeiras ao juiz, cumpra-se a tua vontade.

(João Lopes tosse. Vão sentar-se rapidamente ao piano, tocando e cantando a escala. Depois, a Morgadinha vai espreitar, enquanto Frederico toca uma valsa voluptuosa que obriga a Morgadinha a fazer alguns passos de dança. Frederico, arrebatado do donaire gracioso dela, ergue-se de mãos postas fazendo trejeitos de enlevado)

JOÃO LOPES *(metendo a cabeça)*

Podem conversar, que ele passou para a tulha.

FREDERICO *(com transporte)*

És divinamente grande nas mínimas bagatelas da humanidade! Se lanças o pé quebradiço e chinês em atitude dançante, sacodes e impeles brasas à minha alma. O pavimento arde debaixo dos teus pés lindíssimos. Tudo que fazes mata e aviventa. Como não serás esbelta, nos salões de Lisboa, princesa dos bailes, a rodopiar vertiginosamente nas valsas, nos cotilons, nos lanceiros, na doidice sublime em que há um espadanar de felicidade por todos os poros! Ó Joantina, deixa-me sonhar! *(Fixa os olhos espantados no teto da plateia. Música surda)* A minha vida vai ser uma eterização de todas as potências espirituais. Embriagado nas taças nectáreas do céu, viverei enlevado nos arroubos da minha embriaguez... Esse rosto em que se espelham as formosuras não vistas de Ângelos nem de Rafaéis, será o meu Alcorão, porque o sumo artífice escreveu aí a suprema estrofe do seu poema. Quando os teus olhos se abrirem ao dilúculo da manhã, ver-me-ás de joelhos a beijar os teus cabelos; quando os fechares, cansados de serem beijados, e as sedosas pálpebras se cerrarem como conchas ciosas de suas pérolas, eu me quedarei a teus pés velando que os silfos amorosos da noite não ousem perturbar o teu dormir. Oh! Joana, Joana! *(Ajoelha-se-lhe aos pés. João Lopes tosse com maior força. A Morgadinha adverte em vão Frederico que continua no seu arrebatamento)* Abre-me aqui já o

sepulcro, se em alguma hora hei de sentir-me órfão dos teus carinhos... (*Pantaleão ao fundo, erguendo o reposteiro*)

MORGADINHA

Ah!

FREDERICO (*sobressaltado*)

O diabo!

(*Desce o véu. Canta qualquer ária conhecida no ato de ajoelhar, e cantando, diz perceptivelmente à Morgadinha*)

Diz a teu pai que a mestra

Para melhor te ensinar,

Te está cantando uma ária

Das que se usa cantar

No Teatro de Lisboa:

Prega-lhe a peta, que é boa;

E se esta nos não salva,

Nada nos pode salvar.

CENA V

Os mesmos e Pantaleão.

PANTALEÃO (*ao fundo*)

Então que é isso?

MORGADINHA

É a minha mestra que me está ensinando uma ária das que se cantam no teatro de Lisboa.

PANTALEÃO

Ela tem a voz tão grossa! Não parece voz feminina!

MORGADINHA

Ela canta na voz que quer.... Então o papá já se esqueceu que o marido dela...

PANTALEÃO

Está bom, está bom; eu vou-me embora. Lá estive conversando com o marido da senhora, e lhe disse que não tivesse ciúmes que eu sou um velho!... Aquele seu marido parece-me um doido!... (*Rindo*) Ora andem lá, andem lá. (*Sai*)

CENA VI

Frederico, Morgadinha e João Lopes a intervalos.

FREDERICO

Salvei-te ou não? Tu salvaste-me com a força, na romaria; e eu aqui, salvei-te com o gênio! Vês como o amor me deu espírito num trance difícil? Fazes maravilhas de perspicácia e finura, tu, com a magia dos teus olhos, ó formosa!

(Ouve-se toque a rebate de sinos, que soa de diversas longitudes. Rumor longínquo de vozes)

MORGADINHA

Que será isto!? Ó João Lopes!

JOÃO LOPES (*dentro*)

Que quer, Sra. Morgadinha?

MORGADINHA

Sabes a que tocam os sinos? é fogo?

JOÃO LOPES (*dentro*)

Fogo não me parece. Acho que é bernarda. Estou cá à janela a ver se entendo a gritaria.

MORGADINHA

Diz que é bernarda...

FREDERICO (*alvorocado*)

Horrível! oh! horrível! Isso bole seriamente comigo, contigo, conosco, com o nosso futuro, Joana!

JOÃO LOPES (*dentro*)
É revolução.

MORGADINHA
Revolução!

FREDERICO
Não ouves a fatalidade que esbraveja? Terei eu de perder-te, arcanjo?

MORGADINHA
Qual perder-me! Importa-me cá a mim a bernarda! Hei de ser tua! Não temas, Frederico, que eu sou forte!...

JOÃO LOPES (*na cena*)
Já intendi o que eles dizem... Dão morras aos papéis, e que se queime o escrivão da fazenda... E trazem música... Ouvem?...

(Ouve-se distintamente, mas ainda longe, o hino da "Maria da Fonte", à mistura com os "morra!")

JOÃO LOPES
O Sr. morgado está na torre a ouvir. Agora bom será que o Sr. Frederico se escape, senão desconfio que o matem, sendo aqui pilhado...

(Frederico apanha as saias na cintura para poder fugir. A Morgadinha agarra-o)

MORGADINHA
Não te deixo sair agora, que é perigoso.

FREDERICO (*muito inquieto*)

Morrer aqui, seria uma morte inglória, Joanhina! Dá-me armas que eu quero defender-me com uma bravura digna de ti! Armas! armas! um revolver de doze tiros! Quero armar-me até aos dentes, e combater, e morrer gloriosamente ao teu lado!

MORGADINHA

Frederico, tu estás maluco!... Olha que eles não vem cá... Não percas o juízo!

FREDERICO (*muito à trágica, aludindo ao estrondo da gritaria*)

Não vem? Vem! Escuta! escuta! Não ouves o bramido do tigre popular? Olha... é o leão que ruge, partidos os grilhões de respeito à lei! É a Líbia e a Hircânia a vomitarem feras! Olha o lago sujo como se levanta em vagalhões e como eles roncam!

MORGADINHA

Vem então esconder-te, vem esconder-te!

FREDERICO

Não! Um homem não se esconde quando olhos como os teus são testemunhas de tamanha covardia! É mister ser herói!... Mas eu estou vestido ignobilmente! (*Arranca os vestidos mulheris: fica de quinzena; mas conserva o chapéu e os boucles*) Agora, armas! armas! (*A morgada ri-se apontando-lhe para a cabeça*) Por que ris tu, mulher forte! por que ris tu, se fazes favor?!

MORGADINHA

Tira a cartola e os cachos, meu amor.

VOZES (*que sobrelevam o estrondo dos figles*)

Morra o escrivão de fazenda! morra!

(*Grande catarro de João Lopes*)

FREDERICO

É chegada a hora! Dá-me um abraço, querida! Um abraço! e até ao reino eterno! As nossas núpcias são no céu!...

(Aponta para o teto e fica como extático; enquanto a Morgadinha vai rapidamente dentro, e sai com dois bacamartes de boca de sino)

MORGADINHA

Aqui tens um bacamarte; defende-te, que eu te defenderei também! *(Ela aperra o bacamarte)*

CENA VII

Os mesmos, Pantaleão e João Lopes.

PANTALEÃO *(estupefato)*

Que vejo? que é isto? como entrou este homem aqui?

FREDERICO *(atirando ao chão o bacamarte)*

Venho oferecer-me à vingança de vossa excelência

MORGADINHA

Meu papá, o Sr. Frederico vem pedir-lhe a minha mão de esposa!

PANTALEÃO

Das duas uma: ou o senhor foge, ou é espatifado pelo povo!

FREDERICO

Não sei fugir: sei morrer.

PANTALEÃO

Mas vá morrer a casa do diabo; não quero que o matem aqui.

JOÃO LOPES

Vossa excelência tem razão; matá-lo aqui é mau: o melhor é eu ir escondê-lo no meu quarto; por que, se o povo o achasse aqui a estas horas, os créditos da menina não ficavam com muita saúde.

PANTALEÃO

Pois vai escondê-lo... some-o no inferno!

MORGADINHA

Meu pai, se Frederico fugir, fujo eu; se ele morrer, morre sua filha, sua filha única, a sua Joaninha, a luz dos seus olhos! Meu papá (*ajoelha-lhe*) eu já não posso deixar de ser esposa de Frederico, e juro que sou dele na vida e na morte! (*Ergue-se: conduz Frederico pela mão, e ajoelha com ele*) Dê-nos a sua benção, querido papá!

PANTALEÃO

Nunca! nunca!

(*Ouvem-se fora as aclamações*)

MORGADINHA (*erguendo-se soberba*)

Então, não tenho pai! tenho só marido! Se o povo o matar, há de ver morrer-me ao pé dele... mas vingada!... (*Lança mão do bacamarte*) Que entre o povo!

PANTALEÃO

Em que apertos me vejo! Rebenta-me o coração!...

JOÃO LOPES (*muito comovido*)

Senhor morgado!... Olhe que perdemos a nossa menina!...

PANTALEÃO (*a Frederico*)

Esconda-se naquele quarto, homem... Depressa.

FREDERICO

Obedeço, por que me ordena o pai deste anjo. (*Sai com João Lopes*)

CENA VIII

Pantaleão e a Morgadinha.

PANTALEÃO

Perdi a cabeça!... Estou doido... Não sei o que vinha aqui fazer!... Ah!... onde está a pianista, que está ali fora o marido à espera...

MORGADINHA

A pianista?...

PANTALEÃO

Sim, a pianista onde está?... (*Olha para o chão, tropeçando no vestido de mulher*) Que é isto? (*Levantando o chapéu e os caracóis*) Que é isto?! que é isto, Joana?...

MORGADINHA (*aflita*)

Isso? Ah! meu pai, que eu morro, se me apoquento muito!...

PANTALEÃO

Então a pianista era... era o escrivão?!...

MORGADINHA (*soluçando*)

Era, sim, senhor !

PANTALEÃO

Que sucia de tratantadas se passam nesta casa!... e eu a conversar com o patife do lojista que se dizia o marido desse velhaco!...

MORGADINHA

É meu esposo... perdoe-nos...

PANTALEÃO

Tu és o demônio, mulher!

MORGADINHA

Sou uma infeliz apaixonada... O meu papá, tenha piedade! Olhe que o Frederico é muito bom moço. Se não é fidalgo hoje, pode sê-lo amanhã. O papá bem sabe que os fidalgos agora se fazem de um dia para o outro.

PANTALEÃO

Ergue-te, ingrata, que deste cabo de teu pai!

(Rompe a música pelo interior da casa, com grande vozeria, tocando o hino)

CENA IX

João Lopes, Pantaleão, Morgadinha, Macário.

(A música, na vanguarda, ladeia para dar passagem a Macário vestido de oficial de ordenanças, mas com chapéu embicado. Traz uma espada empunhada, e outra debaixo do braço, seguem-no 12 comandantes subalternos, vestidos a capricho, uns com chapéu redondo e banda e dragonas, outros de barretina e niza. Um destes arvora uma bandeira de várias cores)

MACÁRIO

Viva o Sr. morgado de Val-d'Amores, general em chefe das forças populares do Minho!

VOZES

Viva! *(Cala-se a música)*

MACÁRIO *(à frente dos revolucionários com ênfase oratória)*

Senhor morgado! As forças populares de seis freguesias que aí estão reunidas fora no terreiro desta ilustríssima casa, mandaram-me a mim, à frente dos seus doze comandantes que se acham presentes, declarar a vossa excelência que por voto geral foi aclamado general em chefe desta província. Eu lhes fiz um eloquente discurso para os tirar dessa ideia, alegando com o meu grau de farmacêutico que vossa excelência sofria dos intestinos e de outros incômodos intestinais; mas eles não me atenderam e obrigaram-me a vir oferecer a vossa excelência a espada de general em chefe. Aqui está por consequência esta valente espada que matou em 1810 muita soma de francês do Junot, e que há de nas mãos de vossa excelência limpar este país de escrivães de fazenda e outros mariolas que nos desgraçam. Receba vossa excelência das minhas mãos esta espada e salve com ela a pátria do Sr. D. Afonso Henriques!

OS COMANDANTES

Viva o Sr. boticário! Viva!

MACÁRIO

Obrigado, valentes guerreiros!

(A música executa uma marcha muito compassada. Macário caminha a passo solene e cadencioso com a espada oferecida segura pela lâmina, levando a sua na bainha. O morgado faz sinal de que quer falar. Silêncio)

PANTALEÃO *(comovido)*

Senhor Macário Mendes, e mais Senhores! Grande impressão me fizeram as vossas palavras e não pude deixar de me comover... Estou realmente comovido, e sinto-me abalado com tanta honra; mas sinto muito dizer-lhe que as minhas doenças e outras desgraças me não permitem tomar o comando das valentes forças populares que representais. Não posso, senhores, não posso. Se a fortuna me tivesse dado um filho, essa espada estaria já nas mãos dele.

MORGADINHA *(tirando a espada da mão de Macário)*

Está nas mãos de sua filha esta espada; e, como infelizmente, sou mulher, há de haver um homem a quem meu pai chame filho, e ele será digno dela! *(Chamando)* Frederico! Frederico!

CENA ÚLTIMA

Os mesmos e Frederico.

FREDERICO *(ajoelhando diante da Morgadinha)*

Sim! sim! recebo de vossas mãos, Senhora, a espada que há de decepar as infinitas cabeças da hidra financeira!

(Espanto geral)

MACÁRIO

Como se entende esta caranguejola, Sr. morgado!?

PANTALEÃO

Senhor Macário... esse homem... Vai ser... Vai ser... Eu desmaio!

JOÃO LOPES

Vai ser o marido da menina... (A *Pantaleão*) Faça favor de não desmaiar, por quem é!

FREDERICO (*com veemência e fogo*)

E o marido da Morgadinha de Val-d'Amores vai conduzir-vos à vitória, briosos populares! Eu vos ensinarei a calcar tiranos! Auxiliado por vós, intrépidos filhos do norte, levantaremos o país das palhas podres em que o prostraram os comilões. Eu falo assim, porque cada nação, nas horas críticas, tem o seu Vigor Hugo, o seu salvador por meio da retórica. Vamos a eles, filhos da vitória! As nossas bandeiras desenroladas aos ventos das batalhas, dirão: Riqueza e Moralidade! Em menos de quatro anos de regime moral, e dieta aos lambões, o país não deverá nada, e vós não pagareis um pataco de décima.

VOZES

Apoiado!

FREDERICO

Cidadãos! Eu tenho estudado profundamente as doenças de Portugal e pude descobrir onde está o cancro que nos rói. Aí vai o meu programa: O meu sistema é dividir o país em repúblicas confederadas, cada república tem seu presidente de eleição popular, quero dizer, cada conselho governa-se a si, e não quer saber do conselho vizinho. Não sei se me percebem...

MACÁRIO

Muito bem, entendemos muito bem.

FREDERICO

Por exemplo: Santo Tirso fica sendo uma república, que não tem nada com a república de Famalicão, nem com a república de Fafe.

Nós cá vivemos com o que é nosso, fazemos as nossas despesas, e não damos nem vintém aos de fora.

VOZES

Apoiado! apoiado!

FREDERICO

Aqui está o meu sistema que ainda não lembrou a ninguém, e que é o resultado de quinze anos de estudo. Conseguido isto, não temos a sustentar tropas, (*apoiados*) nem as estradas por onde andam os outros, (*apoiados*) nem teatros onde os outros se divertem, (*apoiados*) nem escritvães de fazenda (*apoiados*). E declaro que me dou já por demitido do meu lugar, e levanto minha voz autorizada bradando: Guerra e morte a todos os escritvães de fazenda! (*Os populares desembainham as espadas, e bradam: “guerra de morte!”*) E, portanto, senhores, beijo esta espada, e leio na sua lâmina, os novos destinos que vão alvorecer para Portugal! Recebi-a da mão do anjo protetor das nossas tremendas batalhas! E concedei, cidadãos, que essa bandeira seja arvorada nas mãos da Judite lusitana! Não mais cairá aos pés de vencedor algum o estandarte que foi consagrado pela filha deste honrado fidalgo! (*Frederico, tem passado a bandeira à Morgadinha, a qual se coloca de maneira que o pai fica entre ela e Frederico*) Bravos sicambros de Santo Tirso! agora, à vitória, à vitória que a pátria nos chama! Está inaugurada a república confederada de Santo Tirso! Toque o hino!

(Os músicos executam. Frederico floreia a espada com arrebatada bravura. A Morgadinha agita a bandeira. Os comandantes fazem também seus ademanes de valentões. João Lopes sentado com os queixos entre as mãos contempla tudo aquilo. Corre o pano)



Iba Mendes Editor Digital

www.poeteiro.com